

# DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM MAZAGÃO VELHO: O CAMINHO, A MÃE, OS IRMÃOS

Marilucia Oliveira<sup>1</sup>

Ana Paula Tavares Magno<sup>2</sup>

Marcelo Pires Dias<sup>3</sup>

Fábio Luidy de Oliveira Alves<sup>4</sup>

**Resumo:** o presente estudo descreve, analisa e compara a diversidade lexical registrada em Mazagão Velho, uma comunidade afro-brasileira localizada no estado do Amapá. Os resultados foram produzidos no âmbito do projeto Perfil sociolinguístico de comunidades afro-brasileiras na Amazônia: Mazagão Velho<sup>5</sup>, que tem em vista a descrição e análise sociolinguística do falar da referida comunidade, com a finalidade de elaborar seu perfil sociolinguístico, seguindo orientações de Labov (1972; 1982). Neste estudo serão apresentados apenas resultados referentes à diversidade lexical, com destaque para o uso de *caminho de Santiago*, *mãe de mama* e *irmãos de mama*. Esses resultados serão comparados, quando possível, com resultados de estudos realizados em comunidades quilombolas do Amapá e do Pará, em comunidades indígenas localizadas no estado do Pará, e no âmbito do projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os resultados mostram escolhas linguísticas atreladas a aspectos ideológicos religiosos, especialmente em relação a *caminho de Santiago*, e designações muito peculiares dos dois outros itens em Mazagão e nas comunidades do Amapá.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Mazagão Velho; Comunidades afro-brasileiras.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: oliveira.marilucia@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: tavaresmagnoufpa@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: mpdias@ufpa.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: fabio-luidy@hotmail.com

<sup>5</sup> O projeto estuda a diversidade e variação em diferentes níveis; aqui, nos atemos ao nível lexical.

## Linguistic diversity in Mazagão Velho: the road, the mother, the brothers

**Abstract:** The present study describes, analyzes and compares the lexical diversity recorded in Mazagão Velho, an Afro-Brazilian community located in the state of Amapá, Northern Brazil. The results were produced within the scope of the project Sociolinguistic profile of Afro-Brazilian communities in the Amazon: Mazagão Velho. The project aims to describe and provide a sociolinguistic analysis of the speech of that community with the purpose of developing its sociolinguistic profile, following Labov's directions (1972; 1982). In this study, only the results referring to lexical diversity will be presented, with emphasis on the use of *caminho de Santiago* [road to Santiago], *mãe de mama* ["breast mother"] and *irmãos de mama* ["breast brothers"]. These results will be compared, when possible, with the results from studies carried out in quilombola communities in the states of Amapá and Pará, Northern Brazil, in indigenous communities located in the state of Pará, and within the scope of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) project. The results display linguistic choices linked to religious ideological aspects, especially in relation to *caminho de Santiago* [road to Santiago], and very peculiar use of the two other items in Mazagão and in the communities of Amapá.

**Keywords:** Sociolinguistics; Mazagão Velho; Afro-Brazilian communities.

### INTRODUÇÃO

A Amazônia é tradicionalmente conhecida por sua diversidade. São representações dessa diversidade a fauna, a flora, a hidrografia, as diferentes etnias nela presentes, as diferentes línguas, entre outros. As diversas populações encontradas na região implicam uma diversidade cultural importante para a compreensão dos modos de vida nela praticados, o que a torna ainda mais diversa. Assim, é preciso empreender pesquisas localizadas nessas comunidades, a fim de se delinear seu perfil, pois apresentam especificidades; dito doutro modo, não é possível falar de uma única cultura indígena ou quilombola, pois essas populações têm modos de vida, e costumes distintos, embora se reconheça

que pode haver traços comuns que as caracterizem. Desconsiderar especificidades desses territórios seria apagar traços identitários que já foram silenciados, denegados por muito tempo.

Dados recentes do IBGE (2020) revelam que a presença indígena e quilombola são significativas na Amazônia, espaço caracterizado, em termos linguísticos, nas palavras de Petter (2006), por um multilinguismo localizado, já que a maior diversidade linguística do Brasil concentra-se na Amazônia. Por outro lado, os dados surpreendem por conta da quantidade expressiva de territórios quilombolas e indígenas, sejam eles oficialmente delimitados ou não, conforme nos mostra a tabela 01:

**Tabela 01: Municípios com localidades indígenas e quilombolas estimadas segundo Regiões e Unidades da Federação - Informações para o Censo Demográfico 2020.**



<b>UF Municípios</b>	<b>Municípios com localidades indígenas</b>	<b>Municípios com localidade quilombola</b>
<b>Brasil</b>	<b>828</b>	<b>1674</b>
<b>Norte</b>	<b>194</b>	<b>123</b>
Rondônia	27	6
Acre	12	0
Amazonas	61	10
Roraima	14	0
<b><u>Pará</u></b>	<b><u>56</u></b>	<b><u>65</u></b>
Amapá	5	11
Tocantins	19	31
<b>Nordeste</b>	<b>232</b>	<b>811</b>
Maranhão	30	108
Piauí	8	73
Ceará	29	65
Rio Grande do Norte	7	40
Paraíba	28	54
Pernambuco	57	110
Alagoas	32	56
Sergipe	2	51
Bahia	39	254
<b>Sudeste</b>	<b>147</b>	<b>514</b>
Minas Gerais	102	420
Espírito Santo	4	28
Rio de Janeiro	8	36
São Paulo	33	30
<b>Sul</b>	<b>150</b>	<b>136</b>
Paraná	39	29
Santa Catarina	45	24
Rio Grande do Sul	66	83
<b>Centro-Oeste</b>	<b>105</b>	<b>90</b>
Mato Grosso do Sul	36	18
Mato Grosso	59	17
Goiás	9	54
Distrito Federal	1	1

*Fonte: IBGE (2020). (Adaptado)*

Os dados mostram que o Brasil apresenta 1674 municípios que têm localidades quilombolas. Na região Norte, há 123 municípios que acolhem localidades quilombolas; 65 deles estão no Pará, onde o número de comunidades indígenas é menor do que o número de comunidades quilombolas.

Considerando-se a imponente presença de comunidades quilombolas nessa região, é imprescindível que sejam realizadas pesquisas no sentido de que se tenha uma panorama das variedades do PB que são faladas na Amazônia. Essa tarefa é importante e tem papel decisivo para o conhecimento da realidade linguística do Brasil, pois, enquanto há regiões nas quais já se procedeu significativamente ao estudo das variedades linguísticas, não há registro da maioria das variedades linguísticas usadas por populações tradicionais da Amazônia, como indígenas e quilombolas, por exemplo. O país carece de estudos que fotografem essa imensa diversidade<sup>6</sup>.

Este estudo adotou a orientação da sociolinguística variacionista (Labov, 1972, 1982). Os dados foram coletados por meio de questionário – a saber: o Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001) – e entrevistas, as quais tinham em vista coletar informações sobre a história e cultura da comunidade. Para a análise linguística do léxico avaliado foram usados os dados de questionário. Para a análise de aspectos históricos, culturais e religiosos foram tomados dados das entrevistas.

O presente artigo apresenta dados relativos à variação lexical na comunidade de Mazagão Velho, uma comunidade afro-brasileira que tem uma

---

<sup>6</sup> Apesar de toda essa diversidade que deve ser inferida da diversidade étnica aqui presente, só em 2013 foi defendida a primeira tese sobre a diversidade linguística em comunidades quilombolas localizadas no Pará, registrada em Dias (2017). A partir daí, alguns outros estudos vêm sendo desenvolvidos especialmente do ponto de vista dialetológico, sociolinguístico e toponímico.

história surpreendente, como se verá mais adiante. Assim, na próxima seção, seguiremos com a apresentação da comunidade a ser investigada, sem perder de vista que o espaço é um construto baseado na interação entre várias dimensões (cf. Meurman-Solin, 2012) e que a pesquisa sociolinguística deve levar em consideração a comunidade linguística (Labov, 1972), espaço não homogêneo em que os falantes concordam quanto ao uso de significados sociais e avaliações das variantes. Na seção subsequente, apresentamos informações metodológicas; essa seção é seguida pela apresentação e discussão dos resultados.

Caminhemos, então, em direção a uma descrição breve sobre a sócio-história de Mazagão Velho; nas palavras de Vidal (2008) “ a cidade dos três continentes”<sup>7</sup>.

## **MAZAGÃO VELHO: A TERRA DE SÃO TIAGO, O GUERREIRO**

Numa abordagem em que se pretende considerar o significado social da variação para a discussão do perfil sociolinguístico de uma comunidade de fala não se pode preterir o material histórico. Assim, passamos a uma breve apresentação da história de Mazagão marroquina cuja população se instalou no Amapá, em 1772. Após essa transladação recebeu o nome de Nova Mazagão, cujo espaço é ocupado hoje pela comunidade de Mazagão Velho<sup>8</sup>.

De acordo com Oliveira (2019), Mazagão foi uma importante fortaleza portuguesa que se instalou no sul do Marrocos. Sua fundação data do século XV. Em 1769 a coroa portuguesa decidiu que a fortaleza de Mazagão seria transladada

---

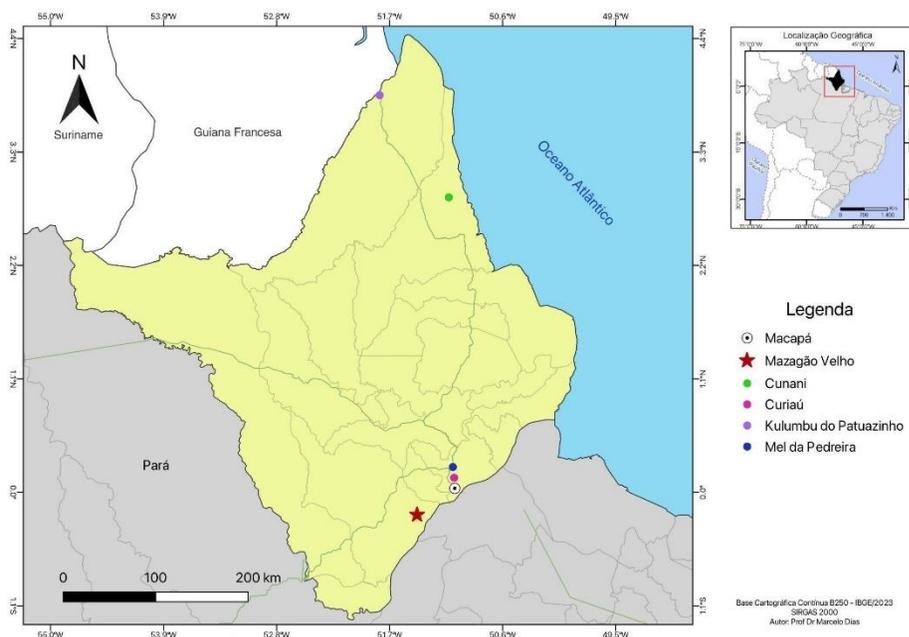
<sup>7</sup> Ao longo do texto, operamos com alternância de registro; isso é proposital.

<sup>8</sup> Não usamos o termo quilombola para Mazagão Velho, que não se reconhece quilombola, embora se entenda uma comunidade negra. Para detalhes sobre o tema consultar Vidal (2008) e Oliveira (2020).

para a Amazônia, a fim de ocupar as terras brasileiras e protegê-las da invasão de espanhóis, franceses e holandeses. O início do transporte da Mazagão marroquina para Nova Mazagão, nome que recebeu a vila que acolheu os mazaganeses na Amazônia, só se deu em 1772. Até esse ano os mazaganeses ficaram em Belém. Hoje, o espaço que foi ocupado pela população que migrou da fortaleza marroquina é chamado de Mazagão Velho, e acolhe uma comunidade negra que não se reconhece quilombola (cf. Vidal, 2008; Oliveira, 2019). No século XIX, depois de uma epidemia de malária, sua população foi drasticamente reduzida. Segundo Silva e Tavim (2013), depois dessa epidemia, ficaram em torno de 150 pessoas na vila; a maioria negros e indígenas. Com medo de novos surtos a população se deslocou para o espaço que é hoje Mazaganólis ou Mazagão, sede do Município, e o espaço em que se localizava Nova Mazagão ficou denominado de Mazagão Velho. Como não interessava mais à coroa portuguesa, o caminho até Nova Mazagão ficou descuidado, ficando seu acesso restrito ao fluvial. Ou seja, essa configuração passou a ser um espaço ideal para a formação de quilombos (cf. Gomes, 1999), apesar de a maioria de seus moradores negarem essa origem.

Segue mapa do Amapá, com localização da comunidade de Mazagão Velho e das demais comunidades amapaenses que compuseram este estudo. Também apontamos Macapá, capital do estado do Amapá, a fim de mostrar a distância entre as comunidades e a capital do estado.

**Mapa 01: Localização de Mazagão Velho no território amapaense**



*Fonte: Os autores (2024)*

A comunidade de Mazagão Velho celebra uma das importantes festas religiosas do estado do Amapá, a festa de São Tiago, o que causa curiosidade, já que se trata de um espaço de colonização portuguesa e São Tiago é patrono da fé espanhola, sendo, também, assim reconhecido em países de colonização espanhola<sup>9</sup>. Isso se configura mais um motivo para discutirmos os impactos

<sup>9</sup> São estudos que apresentam a presença e celebração a São Tiago na América latina: Martinez (1993a; 1993b), Costa (1993), Mott (1993). São importantes estudos sobre São Tiago na América, mas nenhum deles menciona São Tiago em Mazagão Velho.

religiosos provocados pelas imigrações, sejam elas de natureza colonizadora ou espontânea, na cultura religiosa e linguística da comunidade (cf. Cosme, 2003).

Mazagão Velho apresenta uma história de imigração fascinante que tem impacto sobre o cotidiano de Mazagão Velho, sua cultura, especialmente a religiosa. Na comunidade predomina o culto católico. Há, no Censo de 2010, registro tímido de evangélicos e espíritas. Apenas parte da comunidade se autorreconhece quilombola e, por conta desse impasse, ainda não tem o reconhecimento da Fundação Palmares<sup>10</sup>.

A comunidade celebra a festa de Santiago no mesmo período em que é celebrada em Santiago de Compostela, na Espanha, mas a versão do Santiago comemorada é distinta. Na Espanha, o santo celebrado é o Santiago Peregrino; em Mazagão Velho, venera-se o São Tiago Guerreiro, o matamouros. Isso também está ligado à sua história de imigração. Os aspectos ligados à imigração e à sua forte cultura religiosa têm impacto sobre os usos linguísticos da comunidade. Isso é o que nos sugere as primeiras visitas que fizemos à comunidade e explorações iniciais dos dados lá coletados, por isso, consideramos esses aspectos quando da construção do perfil sociolinguístico da comunidade, sem, obviamente, preferir a avaliação de tradicionais fatores considerados no estudo sociolinguístico.

## CAMINHOS PERCORRIDOS

Apresentaremos, a seguir, de forma resumida, os procedimentos metodológicos da pesquisa. Como a metodologia envolve necessariamente os

---

<sup>10</sup> Para detalhes sobre os critérios usados para o reconhecimento, consultar [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

fundamentos do modelo adotado, a Sociolinguística, os aspectos afeitos ao paradigma variacionista serão distribuídos ao longo do texto, muitas vezes, na subjaçência das escolhas e procedimentos adotados<sup>11</sup>.

### Corpus e coleta de dados

Os dados para a referida pesquisa foram coletados por meio de questionário e entrevista. A coleta foi iniciada em julho de 2017. A estratificação utilizada contemplou 12 colaboradores, divididos equitativamente por sexo (masculino e feminino), faixa etária (GI - 18 a 30 anos; GII - acima de 50 anos) e escolaridade: ensino fundamental I (sexto e sétimo anos), ensino fundamental II (oitavo e nono anos) e ensino médio. Para a presente pesquisa não analisaremos a escolaridade, por conta da comparação com as demais comunidades que não a controlaram.

Depois, no sentido de avaliar a ausência da variante *caminho de Santiago* na comunidade, retornamos à comunidade para realizar pesquisa com três colaboradores, para saber se conheciam a variante, e, em caso positivo, revelarem porque não a usavam; o que foi feito por meio do uso da técnica da sugerência<sup>12</sup>, com a participação de três colaboradores já entrevistados anteriormente.

Os dados a serem analisados são oriundos da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB (Comitê Nacional Do Projeto ALiB, 2001),

---

<sup>11</sup> Isso significa dizer que não faremos uma seção para apresentar a sociolinguística. Nesse sentido, nossa exposição segue mais o modelo adotado nas ciências sociais, que distribui ao longo do texto referenciais e pressupostos, formato que também já vem sendo adotado em vários trabalhos de linguística.

<sup>12</sup> Trata-se de uma técnica de pesquisa em que se pergunta se o colaborador conhece uma determinada variante que não foi identificada em sua fala durante a coleta de dados.

composto originalmente de 202 perguntas. São as questões 32 (“Numa noite estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?”); 128 (“quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?”) e 129 (“O próprio filho da \_\_\_\_\_ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?”) analisadas neste estudo. Além dessa modalidade de coleta de dados, optamos pela entrevista cujas questões versavam sobre história da comunidade, seu cotidiano, informações sobre processo de reconhecimento e titulação da terra, avaliação sobre a festa de São Tiago celebrada na comunidade, sobre preconceitos sofridos por conta da cor e da forma de falar, avaliação sobre a maneira como falam na comunidade e sobre suas lideranças. Some-se a isso visitas feitas à comunidade, em outras datas, para registro audiovisuais e observações e anotações de campo, especialmente em datas festivas, já que a comunidade tem um calendário devocional extensivo, ou seja, todos os meses há celebração de um ou mais santos<sup>13</sup>. As entrevistas permitiram coletar material informações dos próprios moradores sobre a comunidade, seu cotidiano e história, o que favorece a construção da história viva da comunidade que destoa, em muitos aspectos, de dados históricos oficiais, bem como dados sobre a avaliação que fazem da sua maneira de falar<sup>14</sup>. Os dados apresentados aqui referem-se à coleta de dados realizada com 12 colaboradores, estratificados por sexo e idade.

---

<sup>13</sup> A vivência na comunidade de Mazagão Velho se estende até o momento, pois realizamos uma investigação etnográfica. Nossa última visita ocorreu em julho de 2022, quando participamos da festa de São Tiago, no mês de julho.

<sup>14</sup> Futuramente, o material coletado nas entrevistas será usado para a análise da concordância verbal e de outros fenômenos fonéticos, também previstos no projeto.

Tínhamos como um dos objetivos comparar os resultados com os do ALiB e do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), mas os itens avaliados ainda não foram cartografados nesses dois atlas embora sua cartografia esteja prevista. Assim, selecionamos, para comparação, resultados de:

- quatro comunidades quilombolas do estado do Amapá (Curiaú, Mel da Pedreira, Cunani e Kulumbu do Patuazinho)<sup>15</sup>;
- seis comunidades quilombolas do Nordeste Paraense<sup>16</sup>: América, África, Cacau, Laranjituba, Rio Acaraqui, Taperinha ) (Dias 2017);
- quatro comunidades indígenas: Itaaka, kwatinemo, Ipixuna, Pakanã (Alves, 2018)<sup>17</sup>;
- dados do ALiB (Souza e Paim, 2020)<sup>18</sup>.

Apesar de termos instituído grupos de fatores para avaliação dos usos de variantes, aqui, vamos nos ater à indicação de resultados mais gerais, destacando nossa análise, como foi dito, sobre o uso de *caminho de Santiago*, mãe de leite e

---

<sup>15</sup> A estratificação utilizada contemplou 4 informantes por ponto de inquérito, divididos equitativamente por sexo (homem; mulher) e faixa etária (GI - 18 a 30 anos; GII - acima de 50 anos).

<sup>16</sup> Os dados são oriundos do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA), registrados em (DIAS, 2017), autor que mapeou seis comunidades; total de 24 informantes (quatro informantes por localidade), estratificados socialmente por sexo (homem; mulher) e faixa etária (GI - 18 a 30 anos; e GII - 50 a 65 anos).

<sup>17</sup> No estudo de Alves (2018), participaram da pesquisa 16 colaboradores (4 pessoas por comunidade), estratificados por sexo (homem; mulher) e por faixa (A - 18 a 25 anos, B - 35 a 45 anos).

<sup>18</sup> Estudo de Souza e Paim (2020) contou com 108 colaboradores de 27 cidades brasileiras dos estados do Amazonas e da Bahia. A estratificação do estudo leva em conta o sexo (homem; mulher) e a faixa etária (de 18 a 30 anos; de 50 a 65 anos), e se concentra na análise diatópica.

irmão de mama. A escolha da primeira variante guarda relação com aspectos religiosos da comunidade; já os dois outros itens porque não nos parecia comum o uso de *mãe de mama* e irmão de leite em outros estudos.

### **Tratamento dos dados e apresentação dos resultados**

Os dados, depois de coletados, passaram pelos seguintes procedimentos tradicionais da área: digitalização; seleção de contextos, transcrição grafemática, inserção dos dados no Excel, para contabilização, identificação e descrição das variedades investigadas, seleção de amostra das variantes. Seguimos com a análise de dados para descrição, discussão da variedade lexical usada pela comunidade, cujos resultados servem de base para a construção do perfil sociolinguístico da comunidade em relação à variação lexical.

Feito isso, comparamos os dados referentes a Mazagão Velho, como previsto anteriormente. Os resultados são apresentados sob forma de tabelas, gráficos e distribuídos, quando da comparação entre comunidades tradicionais, por cartas linguísticas.

### **APRESENTANDO OS RESULTADOS DO CAMINHO**

Nesta seção apresentaremos os resultados referentes aos três itens avaliados, quais sejam: *caminho de Santiago*, mãe de leite e irmão de leite. Outras variantes ocorridas podem ser mencionadas, mas nossa discussão e atenção vão se concentrar, sobretudo, sobre os itens mencionados.

## Tem *caminho de Santiago* na terra de São Tiago?

Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras, portanto, iniciamos essa seção por uma imagem emblemática da comunidade de Mazagão Velho:

Figura 01: Terra de São Tiago



Fonte: Coleta de dados, 2022.

Essa é a imagem com a qual nos deparamos, em julho de 2022, na entrada da comunidade de Mazagão Velho, quando a visitávamos para fazer pesquisa de campo, participar da festa de São Tiago e registrá-la. Esse mesmo slogan já visualizamos nos outros anos em que visitamos a comunidade.

Apesar de a foto e aspectos históricos, culturais e religiosos revelarem o pertencimento da comunidade a São Tiago, a variante caminho de Santiago não

foi identificada na comunidade. Isso nos causou surpresa, já que “caminho de Santiago” está relacionada à história do referido santo. Como dissemos, na seção 2, os resultados apresentados aqui referem-se à primeira coleta realizada na comunidade e a um retorno em que voltamos a coletar dados com três membros da comunidade.

Os resultados referentes à variante *caminho de Santiago*, coletados em 2017, não apontaram um único uso da variante *caminho de Santiago*, o que poderia indicar que a comunidade não conhecia a variante. Os resultados mostraram seis falantes que não responderam à questão. Eles pertencem à primeira faixa etária. Mostraram também quatro ocorrências de constelação, uma ocorrência de sete estrelas, e uma ocorrência de lua, que consideramos inválida porque não corresponde ao conceito apresentado. Não houve uma única ocorrência de *caminho de Santiago*.

A adoção da técnica da sugerência<sup>19</sup>, usada na coleta de dados em 2018, revela que os moradores entrevistados relacionam a variante a Santiago de Compostela, santo festejado na cidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Deixam claro que seu patrono é o São Tiago guerreiro, o matamouros.

A técnica da sugerência e as interações que decorreram dela mostraram que os colaboradores conhecem a variante. Eles usam expressões como: “já ouvi falar”, “já ouvi, em relação a Santiago de Compostela; quanto à variante, “Já usei”, “já ouvi, ouço (com ar duvidoso, como acho que ouço), é difícil”. Um das colaboradoras afirmou que os jovens não usam a variante, o que está confirmado nos dados coletados. A colaboradora A diz que são o mesmo santo, Santiago

---

<sup>19</sup> Grosso modo, técnica que implica sugerir uma forma linguística e perguntar se o colaborador a conhece.

Peregrino e São Tiago Guerreiro”; mas que se trata de fases diferentes da vida do santo. Outro colaborador deixa claro que celebram o São Tiago guerreiro e não o de Compostela, que se trata de outro santo. Reforça isso o fato de haver uma imagem de Santiago Apóstolo na comunidade, que acham que é o de Compostela, trazida por uma autoridade política. A imagem encontra-se escondida na igreja de Nossa Senhora de Assunção; e só vem a público no dia da festa quando o político a carrega. Uma colaboradora diz: “É o São Tiago do fulano”. Não é o nosso.

Todos os entrevistados corroboram o pertencimento a São Tiago guerreiro, referindo-se a ele como “nosso São Tiago” que, marcadamente, não é o de Compostela. Os outros “Santigos” são silenciados na comunidade de diferentes maneiras: em termos imagéticos, como mostra a figura 01; em termos religiosos, quando ocultam e ignoram a imagem do Santiago Apóstolo; em termos linguísticos, como confirma a ausência da variante *caminho de Santiago* na comunidade.

Considerando a primeira resposta dos colaboradores, podemos dizer que não ocorreu *caminho de Santiago* na comunidade. Ao considerarmos o uso da sugestão, cumpre afirmar que *caminho de Santiago* é variante conhecida entre os mazaganeses, que afirmam conhecer a forma, mas não a usam pelos motivos expostos anteriormente. Esses resultados reforçam o posto de que conhecer não significa usar, e que a resposta dos colaboradores deve ser analisada em termos ideológicos; é manifestação de sua forma de ver o mundo. Por outro lado, reforça que a ausência de uma forma não mencionada durante a coleta de dados não implica necessariamente esquecimento, trata-se de escolha ligadas a questões ideológicas.

Os resultados da variante não foram comparados com os do ALAP e com os dos ALIB, pois esse item não está cartografado nesses atlas<sup>20</sup>. Em Cardoso e Teles (2017) há registo da variante nos falares baianos, o *caminho de Santiago* é altamente produtivo. Para finalizar, cumpre dizer que tem e não tem *caminho de Santiago* na terra de São Tiago, pois, de alguma forma, mesmo escondido de diversas formas, na subjacência, está lá<sup>21</sup>.

### Mãe de leite versus mãe de mama: a parte do corpo ou o produto?

Ainda em relação à diversidade lexical, em Mazagão Velho (MV), obtivemos *mãe de leite*, com 7 ocorrências (64%); ela foi a variante mais frequente entre os dados. A variante *mãe de mama* foi menos frequente, com 4 ocorrências (36%)<sup>22</sup>. O Quadro 01 apresenta as frequências das variantes em cada perfil trabalhado.

Quadro 01: Questão 128 do QSL/ALiB em MV

HGI	MGI	HGI	MGI	HGI	MGI	HGII	MGII	HGII	MGII	HGII	MGII
<b>mãe de mama</b>	<b>mãe de mama</b>	mãe de leite	mãe de leite	X	<b>mãe de mama</b>	mãe de leite	<b>mãe de mama</b>				

Legenda: H: homem, M: mulher / GI: 18 a 35 anos, GII: 50 a 65 anos.

Fonte: Os autores (2024).

<sup>20</sup> Em Cardoso e Teles (2017), é abundante o uso de *caminho de Santiago* ao lado de via láctea.

<sup>21</sup> Na Bahia, há uma comunidade quilombola que se chama Santiago de Iguape. Lá se comemora Santiago, o peregrino. Lá há uma caminhada de 18 quilômetros, na esteira da que há em direção a Santiago de Compostela.

<sup>22</sup> Houve uma não resposta.

Em se tratando de faixa etária, *mãe de mama* ocorreu nas duas gerações, sendo mais frequente na geração mais jovem, três ocorrências. Do ponto de vista diasssexual, ocorreu em ambos os sexos, sendo mais recorrente entre as mulheres.

Os resultados relativos aos dois itens não foram comparados com os de ALiB e com os ALAP porque, apesar de estarem previstos para serem cartografados nesses atlas, ainda não o foram<sup>23</sup>. Assim, fizemos comparação dessa variação com resultados de estudo que se baseia nos dados do ALiB, com os de comunidades quilombolas e de comunidades indígenas localizados na Amazônia.

Sousa e Paim (2020) analisaram as respostas para a questão 128 do QSL - “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? (Comitê Nacional Do Projeto ALiB, 2001, p. 31). Foram considerados 27 municípios brasileiros, localizados nos estados do Amazonas e da Bahia, e analisadas 99 ocorrências dos dados do ALiB. Os resultados mostraram *mãe-de-leite* como a variante mais frequente, tanto no Amazonas quanto na Bahia. Sua frequência alcançou 77%; sendo mais frequente na Bahia (82, 29%) do que no Amazonas (57, 14%); seguida de *ama de leite*, com 9%, de *segunda mãe*, com 8%, e de *mãe de amamentação*, com 2%. As variantes *nodriza*, *mãe por parte de leite*, *mãe emprestada* e *amamentadora* apresentaram 1% de frequência cada. As duas primeiras variantes ocorreram só no Amazonas; já as duas últimas só na Bahia. A variante *nodriza* ocorreu somente no extremo oeste do Amazonas, sendo considerada uma influência espanhola. Como se pode ver, *mãe de mama* não apresenta registro no Amazonas nem na Bahia, mas foi encontrada em Mazagão Velho. Talvez a presença da forma esteja ligada à

---

<sup>23</sup> Em conversa com um dos autores do ALAP, soubemos que no próximo volume desse atlas, os dois itens serão registrados.

frequência que o termo *mama* vem adquirindo ao longo dos anos por causa de campanhas sobre o câncer de mama. O fato de se encontrar principalmente entre mulheres, talvez fortaleça essa hipótese, já que elas, em tese, poderiam acessar mais as mídias que divulgam informações sobre câncer de mama, por se tratar de tema de seu interesse. Mas isso é só conjectura.

No sentido de saber se outras comunidades quilombolas usavam *mãe de mama*, buscamos avaliar dados oriundos de outras pesquisas. Os resultados são curiosos, pois *mãe de mama*, não registrada no Amazonas nem na Bahia, foi encontrada em duas outras comunidades quilombolas, também localizadas no Amapá. Os dados correspondem à pesquisa realizada em 4 comunidades quilombolas, a saber: Curiaú, Mel da Pedreira, Cunani e Kulumbu do Patuazinho<sup>24</sup>.

**Quadro 02: Questão 128 do QSL/ALiB (Comunidades quilombolas do Amapá)**

Comunidades	Estratificação e variantes			
	HGI	MGI	HGII	MGII
Curiaú	mãe de leite	mãe de leite	<b>mãe de mama</b>	mãe de leite
Mel da Pedreira	mãe de leite	mãe de leite	<b>mãe de mama</b>	mãe de leite
Cunani	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite
Kulumbú do Patuazinho	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite

Legenda: M: mulher, H: homem / GI: 18 a 30 anos, GII: acima de 50 anos

<sup>24</sup> Os dados integram o banco de dados que reúne projetos que pesquisam comunidades quilombolas na Amazônia.

Idade 18-30: mãe de leite (100%) / Idade 50-65: mãe de leite (75%), *mãe de mama* (25%)

Homens: mãe de leite (75%), *mãe de mama* (25%) / Mulheres: mãe de leite (100%)

Fonte: Os autores (2024)

Os resultados registram *mãe de leite* nas quatro comunidades e *mãe de mama* em duas delas: Curiaú e Mel da Pedreira, comunidades que se localizam próximas da capital, Macapá, e próximas de Mazagão Velho. As duas outras comunidades se localizam bem distantes de Mazagão Velho, como se pode constatar no mapa 01. Isso pode indicar que *mãe de mama* seja uma forma que circula na grande região de Macapá. Em Mazagão Velho *mãe de mama* ocorreu mais na fala de mulheres, tanto na primeira quanto na segunda faixa etária. Já em Curiaú e Mel da Pedreira foi registrada somente entre homens da segunda faixa etária, como constata o quadro 02.

Com relação às comunidades quilombolas do Nordeste paraense, tivemos 22 ocorrências de *mãe de leite*, uma de *mãe de criação* e uma de *leiteira*. Não houve registro de *mãe de mama*.

**Quadro 03: Questão 128 do QSL/ALiB (AGQUINPA)**

Comunidades	Questão 128 do QSL/ALiB (AGQUINPA)			
	HGI	MGI	HGII	MGII
Cacau	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de criação
América	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite
Rio Acaraqui	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite
Taperinha	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite
África	mãe de leite	mãe de leite	leiteira	mãe de leite
Laranjituba	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite	mãe de leite

Legenda: H: homem, M: mulher / GI: 18 a 30 anos, GII: 50 a 65 anos

*Fonte: Os autores (2024).*

Já com relação às comunidades indígenas, a variante mais frequente foi *mãe*. Não houve ocorrência de *mãe de mama*, como se visualiza no quadro 04:

**Quadro 04: Questão 128 do QSL/ALiB (Comunidades indígenas)**

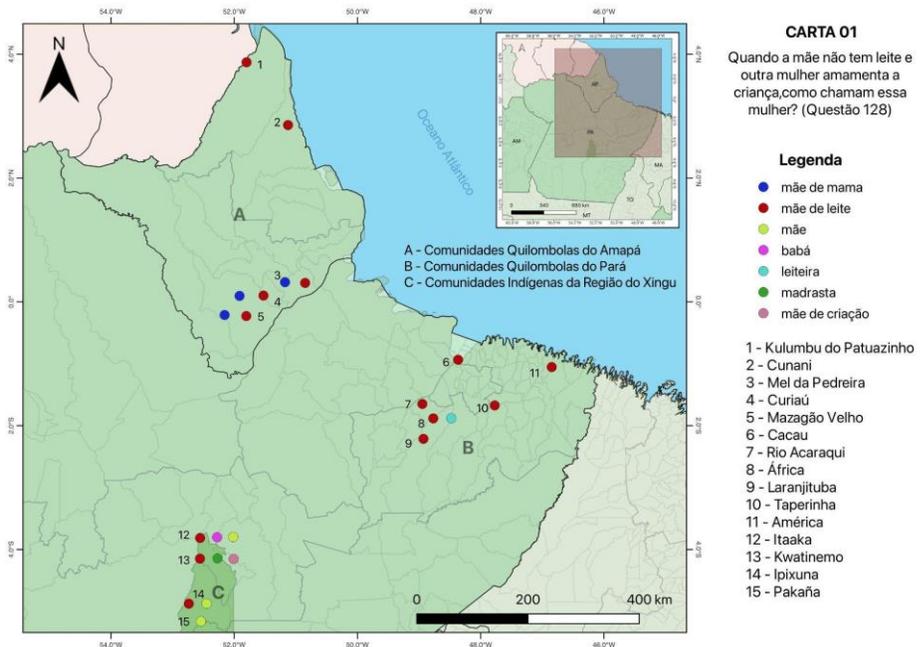
Comunidades	Questão 128 do QSL/ALiB (Comunidades indígenas)			
	MA	FA	MB	FB
Itaaka	mãe de leite	mãe	babá	mãe
Kwatinemo	mãe de criação	x	madrasta	mãe de leite
Ipixuna	mãe de leite	x	x	mãe
Pakaña	x	mãe	x	mãe

Legenda: x: sem resposta / M: masculino, F: feminino / A: 18 a 25 anos, B: 35 a 45 anos

*Fonte: Os autores (2024).*

A carta que segue é uma compilação das respostas para a pergunta que tem como uma das denominações *mãe de leite*, a partir dos registros identificados em comunidades quilombolas e indígenas:

## Mapa 02: Distribuição diatópica das respostas à questão 128 do QSL/ALiB



Fonte: Os autores (2024).

Como se pode constatar, há sete diferentes designações distribuídas pelas comunidades tradicionais dos estados do Amapá e Pará. A variante *mãe de leite* é a predominante em quase todas as comunidades investigadas. Ela não ocorre apenas no ponto 15, comunidade indígena. Há outras variantes que são exclusivas, sobretudo, de comunidades indígenas, o que demonstra significativa diferença entre seu uso e de comunidades afro-brasileiras<sup>25</sup>. Nas comunidades indígenas a forma mais usada foi *mãe*.

<sup>25</sup> Há aspectos curiosos a discutir em relação a variantes presentes nas comunidades indígenas, como o uso de *babá*, que poderia estar ligado à proficiência no uso do PB, mas, no momento, não são foco da presente pesquisa.

Para além da presença de *mãe de mama* exclusivamente em comunidades afro-brasileiras do Amapá, há que se mencionar que as formas usadas, *mãe de mama* e *mãe de leite*, implicam um processamento cognitivo que se pauta ora no produto que a mãe fornece, ora na parte do corpo que alimenta e, nesse caso, parece que o destaque é para a função da mulher que amamenta.

### Ainda sobre leite e mama

Os resultados revelam que *irmão de leite* é a variante mais frequente em Mazagão Velho, 9 ocorrências; há um registro de *irmão de mama* e um registro de *irmão*.

**Quadro 05: Questão 129 do QSL/ALiB (Mazagão Velho)**

HGI	MGI	HGI	MGI	HGI	MGI	HGII	MGII	HGII	MGII	HGII	MGI I
Irmão de mama	Irmão	Irmão de leite	Irmã o de leite	x	Irmã o de leite	Irmão de leite	Irmão de leite	Irmã o de leite	Irmão de leite	Irmão de leite	Irmã o de leite

M: mulher, H: homem / GI: 18 a 35 anos, GII: 50 a 65 anos.

*Fonte: Os autores (2024).*

A variante *irmão de leite* ocorre nas duas faixas etárias e nos dois sexos. a designação *irmão de mama* só é registrada uma vez na fala de um homem da faixa etária jovem.

Os resultados referentes às demais comunidades quilombolas do Amapá registram uma ocorrência de *irmãos de mama* em Mel da Pedreira, comunidade onde se identificou *mãe de mama*, como se visualiza no quadro que segue:

**Quadro 06: Questão 129 do QSL/ALiB (Comunidades quilombolas do Amapá)**

Estratificação e variantes				
Comunidades	HGI	MGI	HGII	MGII
Curiaú	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite
Mel da Pedreira	irmãos de leite	irmãos de leite	<b>irmãos de mama</b>	irmãos de leite
Cunani	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite
Kulumbú do Patuazinho	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite	irmãos de leite

Legenda: M: mulher, H: homem / GI: 18 a 30 anos, GII: acima de 50 anos  
Idade 18-30: irmãos de leite (100%) / Idade 50-65: irmãos de leite (87%), *irmãos de mama* (13%)

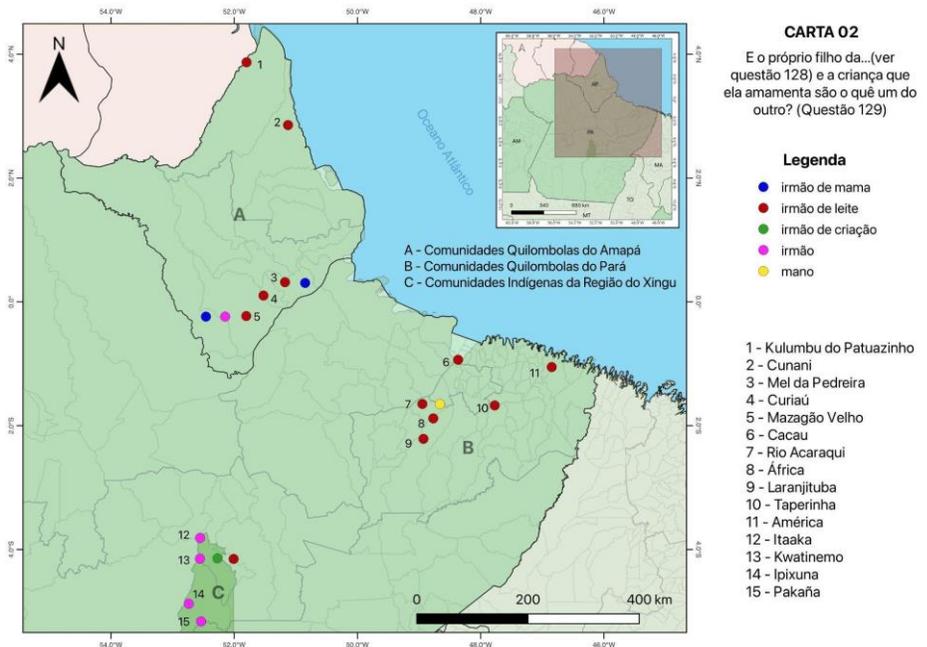
Homens: irmãos de leite (87%), *irmãos de mama* (13%) / Mulheres: irmãos de leite (100%)

*Fonte: Os autores (2024).*

É na segunda geração, na fala de um homem, que se encontra *irmãos de mama*.

A carta que segue é uma compilação das respostas para a pergunta que tem como uma das denominações *irmão de leite*, a partir dos registros identificados em comunidades quilombolas e indígenas:

### Mapa 03: distribuição diatópica das respostas à questão 129 do QSL/ALiB



Fonte: Os autores (2024).

Esses resultados mostram que há semelhanças entre os usos de Mazagão Velho e as demais localidades quando se trata da questão 129; de outra parte, revelam que *irmãos de mama*, tal qual se verificou para o item *mãe de mama*, só ocorre no Amapá. Mas a comparação com as demais comunidades do Amapá revela que Mel da Pedreira, das quatro outras comunidades amapaenses, é a única que usa *irmão de mama*. A ocorrência se dá na fala de um homem da segunda faixa etária. Os resultados das comunidades quilombolas do nordeste paraense não registram *irmãos de mama*, tampouco os das comunidades indígenas consideradas no presente estudo. O fato de as variantes *mãe* e *irmão*

serem mais frequentes nas comunidades indígenas pode estar ligado à sua proficiência em Língua Portuguesa, o que poderia apontar um léxico ainda restrito, especialmente nos pontos 14 e 15, onde, segundo Alves (2018), é baixa essa proficiência.

## CONCLUINDO O CAMINHO?

O presente artigo tratou da diversidade lexical em Mazagão Velho, comunidade afro-brasileira localizada no estado do Amapá, adotando o protocolo da sociolinguística laboviana. Os resultados foram comparados com resultados de seis comunidades quilombolas do Nordeste paraense, quatro comunidades quilombolas do Amapá, quatro comunidades indígenas, e de resultados de estudo que usou dados do Atlas Linguístico do Brasil, registrados em Sousa e Paim (2020).

Os resultados demonstram que caminho de Santiago está e não está na comunidade, que a conhece, mas faz questão de silenciá-lo em termos imagéticos, religiosos e linguísticos, a fim de se apresentar como comunidade *sui generis*; a comunidade não se reconhece quilombola.

Quanto aos itens *mãe de mama* e *irmãos de mama*, seu uso se restringiu a comunidades quilombolas do Amapá, pois não foram encontrados em outras comunidades, sejam indígenas ou quilombolas, ou mesmo nos registros do ALiB. A forma mais frequente, considerando o cômputo de todos os resultados, é *mãe de leite* e *irmão(s) de leite*, ou seja, os falantes preferem dar destaque ao produto, à parte do corpo, escolha que talvez esteja relacionada com tabus relacionados a partes do corpo feminino que implicam sexualidade, como é o caso dos seios.

Os dados referem uma comunidade que apresenta semelhanças e diferenças com outras comunidades tradicionais, e mostra uma postura linguística

muito fortemente ligada a crenças, especialmente quando se trata do item caminho de Santiago, e que *mãe* e *irmãos de mama* podem compor uma realização no Amapá.

Tudo isso indica que ainda há muito caminho a percorrer quando se trata de comunidades tradicionais no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio Luidy de Oliveira. **A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté: um estudo geossociolinguístico.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: **Questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto.** ALiB – Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CARDOSO, Suzana; TELES, Ana Regina. Outros caminhos de Santiago... Os da Bahia (Brasil). In: GRANJA, Maria Álvarez; AGRELO, Ana; SEOANE, Ernesto (org.). **Aproximacións á variación no dominio galego-portugués.** A Coruña: Consorcio Editorial Galego, 2017, p. 29-42.
- COSME, João. Mazagão em 1677. **Arquipélago.** História. 2. série, VII, 2003, p. 79-98.
- COSTA, Ramón Gutiérrez da. Las arquitecturas de santiago. In.: **Santiago y America.** Mosteiro de San Martino de Pinario. Santiago de Compostela. Xunta de Galicia. Consellería de Cultura e Xuventude, 1993, p. 118-132.

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. Tese de Doutorado. Belém. Universidade Federal do Pará. 2017.

GOMES, Flávio dos Santos. Fronteiras e Mocambos: o protesto negro na Guiana Francesa. In: GOMES, Flávio dos Santos. **Nas terras do cabo Norte: fronteira, colonização e escravidão na Guiana Francesa- séculos XVII/ XIX**. Belém, Editora Universitária/UFPA, 1999, p. 225-308.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os indígenas e quilombolas para enfrentamento à Covid-19**. Rio de Janeiro, 2020.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania. Press, 1972.

LABOV, William. On the use of the present to explain the pas. In: L. Heilmann (ed.). **Proceedings of the II<sup>th</sup> International Congress of Linguistic**, Bologna: II Mulino, 1982. LABOV, William. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center

MARTÍNEZ, Mendez Gonzalo. El nombre de Santiago em la cartografia americana. In: **Santiago y America**. Mosteiro de San Martino de Pinario. Santiago de Compostela. Xunta de Galícia. Consellería de Cultura e Xuventude., 1993, p. 88-92.

MARTÍNEZ, Mendez Gonzalo. Santiago em la toponimia americana: relación de topónimos vinculados a Santiago em América. In: **Santiago y America**. Mosteiro de San Martino de Pinario. Santiago de Compostela. Xunta de Galícia. Consellería de Cultura e Xuventude., 1993, p. 93-115.

MOTT, Luiz. **A influência da Espanha na formação religiosa do Brasil**. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA. 1993.

MEURMAN-SOLIN, 2012, A. (2012). Historical dialectology: Space as a Variable in the Reconstruction of Regional Dialects. In: HERNÁNDEZ-COMPOY, M. et CONDE-SILVESTRE, J. C. (eds.). **The Handbook of Historical Sociolinguistic**. WILEY-BLACKWELL. p. 465-479.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. São Tiago em Mazagão Velho (Amapá/ Brasil): cultura religiosa e língua. **Revista Compostela**, n. 61, mai. 2020, p.85-90.

PETER, Margarida Maria Taddoni. Línguas Africanas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, R. V. Mattos. (Org.). **Quinhentos Anos de História Linguística no Brasil**. Salvador. Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia, 2006. p. 117-142.

SILVA, Maria Caldeira et TAVIM, José Roberto da Silva. Marrocos no Brasil: Mazagão (Velho) do Amapá em festa: a festa de São Tiago. Editora Etnográfica Press. 2013.

SOUSA, Adriana Maria de Jesus; PAIM, Marcela Moura Torres. Variantes lexicais para mãe de leite nos estados do Amazonas e da Bahia. **Revista Moara**, n. 55, jan-jul, 2020.

VIDAL, Laurent. **Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico (1769-1783)**. São Paulo. Martins, 2008.

*Recebido em 07-03-2024*

*Aprovado em 04-05-2024*